

## **O Namorador ou a Noite de São João, de Martins Pena**

### **Fonte:**

PENA, Martins. *Comédias de Martins Pena*. Rio de Janeiro : Edições de Ouro, 1968. p. 275-299 (Antologia).

### **Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

Adailton Alves – São Paulo/SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.

Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)> e saiba como isso é possível.*

## **O NAMORADOR OU A NOITE DE SÃO JOÃO** **Martins Pena**

*Comédia em 1 ato*

### **PERSONAGENS**

VICENTE, velho.

CLARA, mulher de Vicente.

CLEMENTINA, sua filha.

RITINHA, amiga de Clementina.

LUÍS, primo de Clementina.

JÚLIO.

MANUEL, ilhéu, feitor.

MARIA, ilhoa, sua mulher.

Convidados de ambos os sexos, meninos, negros e moleques.

A cena se passa em uma chácara no Engenho Velho, no ano de 1844.

### **ATO ÚNICO**

O teatro representa uma chácara. No fundo, a casa de vivenda com quatro janelas rasgadas e uma porta para a cena. A casa dentro estará iluminada, deixando ver pelas janelas várias pessoas dançando ao som de música, outras sentadas e alguns meninos atacando rodinhas. À esquerda, no primeiro plano, a casinha do feitor, a qual, sendo saliente sobre a cena, terá uma janela larga para frente do tablado e uma porta para o lado; debaixo da janela haverá um banco de relva. No canto que faz a casinha, um monte de palha; à direita, no mesmo plano a casinha, uma carroça. Defronte da porta da casa, uma fogueira ainda não acabada; mais para frente, o mastro de S. João, e dos lados deste, um pequeno fogo de artifício constando de duas rodas nas extremidades e de fogos de vista e coloridos, que serão atacados a seu tempo. A cena é alumiada pela lua, que se vê sobre a casa por entre árvores.

(N.B.: Deve-se dar todo o espaço necessário para a distribuição da cena acima marcada, a fim de se evitar a confusão e conservar a naturalidade do que se quer representar.)

## CENA I

Ritinha com um copo com água na mão, e Clementina com um ovo.

**RITINHA** – Só nos falta esta adivinhação. Já plantamos o dente de alho, para vê-lo amanhã nascido; já saltamos três vezes por cima de um tição...

**CLEMENTINA** – E já nos escondemos detrás da porta, para ouvirmos pronunciar o nome daquele que virá a ser teu noivo.

**RITINHA** – Vamos à do ovo. (*Clementina quebra o ovo na beira do copo e deita a clara e gema dentro da água.*)

**CLEMENTINA** – Agora dê cá, (*toma o copo*) e ponhamo-lo ao sereno.

**RITINHA** – Para quê? Explica-me esta, que eu não sei.

**CLEMENTINA** – Este ovo, exposto ao sereno dentro da água, vai tomar uma forma qualquer, por milagre de S. João. Se aparecer como uma mortalha, é sinal que morremos cedo; se tomar a figura de uma cama, é prova nos havemos de casar este ano; e se se mostrar debaixo da forma de véu de freira, é certo agouro que viveremos sempre solteira. (*Põe o copo sobre o banco de relva.*)

**RITINHA** – O melhor é não indagarmos isso.

**CLEMENTINA** – Tens receio?

**RITINHA** – A esperança, quando mais não seja, alimenta. Se eu tivesse a certeza que nunca acharia um noivo, não sei o que faria.

**CLEMENTINA** – Pois eu tenho a certeza que o acharei.

**RITINHA** – Podes dizer isso, és bonita...

**CLEMENTINA** – Também o és.

**RITINHA** – Mas és rica, e eu não; e esta pequena diferença muda muito a questão. És filha única e teu pai possui esta bela chácara e outras muitas propriedades. Ali dentro estão alguns moços que porfiam em te agradar; está nas tuas mãos escolheres um para noivo. E eu posso dizer outro tanto?

**CLEMENTINA** – E por que não?

**RITINHA** – Tenho apenas um namorado.

**CLEMENTINA** – É o primo Luís?

**RITINHA** – É ele mesmo, mas confesso-te ingenuamente que não sei o que ele quer. Ora mostra-se muito apaixonado, ora não faz caso de mim e namora a outras moças mesmo à minha vista; às vezes passam-se dias e dias sem me aparecer...

**CLEMENTINA** – Pois que esperas tu do primo Luís, daquele doudo que namora o torto e a direito a bonito e a feia, a moça e a velha?

**RITINHA**, *suspirando* – Ai, ai!

**CLEMENTINA** – O que admira-me é ver como tens conseguido tê-lo por namorado há quase três meses.

**RITINHA** – Bem esforços me tem custado.

**CLEMENTINA** – Eu te creio, porque ele diz que um namoro que dura mais de oito dias é maçada.

**RITINHA** – Tanto não poderás tu dizer dos teus, principalmente do Júlio.

**CLEMENTINA** – Queres que te diga uma coisa? O tal Sr. Júlio, com todos os seus excessos, já me vai aborrecendo sofrivelmente.

**RITINHA** – Oh, aborrecem-te os excessos?

**CLEMENTINA** – Quando está junto de mim tem um ar tão sentimental que faz dó ou riso.

**RITINHA** – É amor.

**CLEMENTINA** – Se é obrigado a responder-me, é titubiando e trêmulo; atrapalha-se, não sabe o que diz e também nunca acaba de dizer.

**RITINHA** – É amor.

**CLEMENTINA** – Os seus olhos não me deixam; acompanham-me por toda a parte. Não dou um passo, que não seja observada.

**RITINHA** – São provas de amor.

**CLEMENTINA** – E se eu falo com algum moço? Isso então!... Fica logo muito aflito, a mexer-se na cadeira, com o nariz muito comprido e com os olhos cheios de lágrimas. E se eu não lhe faço logo e logo a

vontade, deixando de conversar com o moço, ei-lo que levanta-se arrebatadamente, pega no chapéu e sai desesperado pela porta afora como quem leva a firme tenção de nunca mais voltar. Mas qual! Daí a dous minutos está ele ao pé de mim.

**RITINHA** – Tudo isso é amor.

**CLEMENTINA** – É amor! É amor, sei, mas aborrece-me tanto amor. (*Aqui aparece no fundo Júlio.*)

**RITINHA** – Vê como são as coisas: Eu queixo-me do meu por ser indiferente; tu, do teu, por excessivo.

**CLEMENTINA** – É que os extremos se tocam. Não tens ouvido cantar aquele lundu: *Eu que sigo o meu bem?* Mas também o que é verdade é que eu às vezes muito de propósito o faço desesperar.

**RITINHA** – Isso é maldade. (*Clementina vê Júlio, que a este tempo está atrás dela.*)

**CLEMENTINA**, à parte, para Ritinha – Olha! E ele comigo! Não te dizia que me acompanha por toda a parte?

**RITINHA**, rindo-se – Adeus. (*Sai correndo.*)

**CLEMENTINA**, querendo retê-la – Espera! (*Quer segui-la.*)

**JÚLIO**, seguindo-a – Um momento! (*Clementina volta-se para Júlio.*)

**CLEMENTINA** – O que quer? (*Caminha para frente.*)

**JÚLIO** – Eu... (*Fica enleado. Alguns momentos de silêncio.*)

**CLEMENTINA**, à parte – E então?

**JÚLIO** – Eu... (*O mesmo jogo.*)

**CLEMENTINA**, à parte – E ficamos nisto!

**JÚLIO** – Se me permitisse... (*Mesmo jogo.*)

**CLEMENTINA** – O senhor está tão ansiado. Tem alguma dor?

**JÚLIO** – Tenho sim, ingrata, mas é no coração.

**CLEMENTINA** – Ah, desembuchou?

**JÚLIO** – Supunha passar hoje uma noite alegre e divertida, e só encontrei tormentos e desenganos.

**CLEMENTINA** – Ah, encontrou desenganos, coitado! Então quem foi que teve a barbaridade de o desenganar?

**JÚLIO** – Uma cruel, que zomba de mim e de minha vida, que ainda será causa de algum desatino.

**CLEMENTINA** – Ora vejam só que crueldade!

**JÚLIO**, desesperado – Oh, isto assim não pode durar muito. (*Com ternura, pegando-lhe na mão:*) Clementina, por que hás-de ser tão má comigo? Que te fiz eu para ser assim maltratado? Eu, que tanto bem te quero!

**CLEMENTINA** – Ontem despedimo-nos em paz. Quais são hoje as queixas?

**JÚLIO** – Teu primo Luís.

**CLEMENTINA** – Ainda ciúme?

**JÚLIO** – Ama-o, que ele me vingará. Não encontrarás outro coração como o meu.

**CLEMENTINA** – Acabou? Uma sua criada. Vou comer batatas.

**JÚLIO**, retendo-a – Oh, não, não!

**CLEMENTINA**, voltando – Com que então queria que eu estivesse toda a noute a olhar para o senhor, com a boca aberta, ham? Feito uma pateta! Que não conversasse mais com minhas amigas, que estivesse amuada em um canto da sala, eu defronte e vós à vista, assim em ar de dois toiros que se querem investir? Sabe que mais? Isto já me vai aborrecendo.

**JÚLIO** – Perdoa-me.

**CLEMENTINA** – Por mais de uma vez já lhe tenho manifestado os sentimentos que me animam a seu respeito e dado prova da preferência em que eu o tenho. Quando um dia perguntou-me se eu queria ser sua mulher, respondi-lhe com franqueza que sim, mas que previa obstáculos da parte de meu pai.

**JÚLIO** – Tudo isto é verdade.

**CLEMENTINA** – E ajuntei mais: que esse temor, porém, não esfriasse o nosso amor, que paciência e tempo tudo conseguem, e que minha mãe era por nós. E ter-me-ia esquecido a esse ponto de minha posição e pejo, se não o amasse? (*Aqui entra pela esquerda, por detrás da casinha do ilhéu, Luís, com uma carta de bichos acesa, pendurada de uma varinha. Corre para Clementina, gritando.*)

**LUÍS** – Viva S. João! Viva S. João! (*Clementina foge.*)

**CLEMENTINA** – Primo Luís, primo Luís! (*Luís vai atrás dela gritando sempre, até que ela sai pelo fundo.*)

## CENA II

Enquanto Luís corre após Clementina, Júlio fica a olhar para ela.

**JÚLIO** – E veio interromper-nos na melhor ocasião! Isto foi muito de propósito! Não é sem razão que eu desconfio dela; ama ao primo. (*Neste tempo, Luís, que volta para cena, está junto dele.*)

**LUÍS** – Ó Júlio, que bela patuscada, hem?

**JÚLIO**, *à parte* – Vem mangar comigo.

**LUÍS** – Não há melhor! Foguetes para atacar, música para dançar, e sobretudo moças para namorar. O tio João festeja o nome de seu santo com grandeza. Tu não tens foguetes?

**JÚLIO**, *com mau modo* – Não.

**LUÍS** – Nem namorada?

**JÚLIO**, *ao mesmo* – Não.

**LUÍS** – Ó alma de cântaro, marreco de gesso! Não tens namorada, quando aquela sala está cheia de meninas tão encantadoras? Não tens namorada? Então que viste fazer?

**JÚLIO** – Obsequiar à pessoa que me convidou, portando-me com decência.

**LUÍS** – Como diabo entendes tu as coisas às avessas? Quando se convida para uma *soirée*, ou outra qualquer patuscada, rapazes solteiros, é para que eles namorem. Todos sabem que sem namoro as mais brilhantes reuniões esfriam e poucas horas duram. Sem namorar as moças ficam amuadas, as velhas dormem e os velhos roncam. Sem namoro, essa vivacidade que se nota nos olhares e gestos das meninas desaparece e morre, falta de alimento. Sem esse grande excitativo, o desejo de conquistar adormece no coração e leva a moleza ao corpo e o aborrecimento à alma. Tudo fica triste e sem sabor. Os pai e mãe de família cedo retiram-se com as filhas, porque não vêem possibilidade de pescarem noivos para elas onde não há namoro prometido. Mais três ou quatro contradanças e não se vêem esses casais solitários no meio de esplêndido baile, sentados nos cantinhos da sala, alheios a tudo o que se passa ao redor dela, e que tanto servem para divertimento de todos. Cessa a maledicência, desaparecem esses segredinhos que se dizem ao ouvido e que fazem corar. Numa palavra, tudo esfria, emudece, dorme! O namoro é a alma da vida, a existência necessária de todas as reuniões. É o centro ao redor do qual giram todas as afeições, intrigas, gentes e despesas. Por ele é que a menina se enfeita, que os rapazes se desafiam, e se individa o homem. Por ele é que o pobre pai de família paga a ladroada conta das francesas. Enfim, é o motor universal, é o “fogo viste lingüiça” das sociedades. Por isso é que eu todas as vezes que sou convidado para algum baile ou patuscada como esta, namoro a torto e a direito, para obsequiar o dono da casa.

**JÚLIO** – Ah, é para obsequiar os donos das casas? Devem-te ficar muito agradecidos.

**LUÍS** – E que não fiquem pouco se me dá. Faço o meu dever. Tenho feito as moças lá dentro andarem numa dobradura, inclusive a minha bela priminha.

**JÚLIO**, *travando-lhe do braço* – Isto é uma traição!

**LUÍS** – Hem?

**JÚLIO** – É uma traição que cometes para comigo de quem te dizes amigo. Sabes muito bem, porque já te tenho dito, que eu amo a tua prima.

**LUÍS** – E o que tem isso? Tu namoras e eu também namoro; o caso não é novo – vê-se todos os dias isso.

**JÚLIO** – É preciso acabarmos com este gracejo. Não zombo.

**LUÍS** – Nem eu.

**JÚLIO** – Falo muito sério.

**LUÍS** – Que diabo de tom é esse?

**JÚLIO** – Faze por toda a parte este papel de namorado e de tolo, acompanha-te sempre dessa leviandade e ar gracejador por desprezo pelo homem sensato, que pouco se me dá disso; nenhum interesse tenho eu em corrigir-te...

**LUÍS** – O caso vai de pregação.

**JÚLIO** – Mas não lances um só olhar para Clementina, não lhe digas uma só palavra de galanteio ou sedução, porque então te haverás comigo e tarde te arrependerás.

**LUÍS** – Quem, eu?

**JÚLIO** – Sim, tu.

**LUÍS** – Isto é uma ameaça?

**JÚLIO** – É, sim.

**LUÍS** – Ah, a coisa chegou a esse ponto? Pois meu amigo, andou muito mal; os seus ciúmes o deitaram a perder.

**JÚLIO** – Isso veremos.

**LUÍS** – Até agora eu namorava a prima inocentemente e sem intenção, como faço com todas as moças que encontro; isto é um hábito em mim. Mas agora, já que se formaliza e ameaça-me, hei-de lhe mostrar que não só namorarei a priminha de noute e de dia, como também casar-me-ei com ela.

**JÚLIO**, *raivoso* – Oh!

**LUÍS** – O que não tem podido fazer de mim o amor, fará o amor-próprio. Estou resolvido a casar-me.

**JÚLIO**, *segurando-lhe na gola da casaca* – Não me leves ao desespero! Desiste? (*Aqui aparece no fundo Clara, que se encaminha para eles.*)

**LUÍS**, *segurando na gola da casaca de Júlio* – Não quero! (*Júlio agarra com a outra mão na gola da casaca de Luís, que faz o mesmo, empurrando-se mutuamente.*)

**JÚLIO** – Não me faça praticar uma ação que nos perderia a ambos.

**LUÍS** – Perdido já eu estou, porque me vou casar.

**JÚLIO**, *forcejando* – Insolente!

### CENA III

Clara junto deles.

**CLARA** – Então, o que é isto? (*Os dois surpreendem-se e apartam-se.*)

**LUÍS** – Não é nada, minha tia, estávamos experimentando forças.

**CLARA** – Ora, deixemos agora disso. Venham dançar, que faltam pares. Venham.

**LUÍS** – Vamos, tiazinha. (*Para Júlio:*) Vou apertar o namoro. Viva S. João! (*Sai dando viças.*)

**CLARA**, *rindo-se* – É um doudo este meu sobrinho. Venha, Sr. Júlio.

**JÚLIO** – Já vou, minha senhora. (*Clara sai.*)

### CENA IV

Júlio, só.

**JÚLIO** – O que hei-de eu fazer? Talvez fiz mal em levar as coisas a este extremo. Luís principia os namoros e os deixa com a mesma facilidade. Não me devia inquietar. Maldito ciúme! Estou em uma cruel perplexidade. Devo hoje mesmo declarar-me com o Sr. João Félix e pedir-lhe a filha. Vã esperança! Estou certo que ele não consentirá; não tenho fortuna. Meu Deus! (*Sai vagaroso.*)

### CENA V

Enquanto Júlio dirige-se para o fundo, entra pela direita baixa o ilhéu, seguido de quatro pretos, trazendo os dois primeiros lenha, o terceiro um cesto à cabeça, e o quarto um feixe de cana.

**MANUEL** – Paizinhos, vão acabar de fazer a fogueira. Levem primeiro vocês a cana e os carás à Senhora. (*Manuel fala como os ilhéus, isto é, cantando. Os negros da lenha vão acabar de fazer a fogueira; os outros dois saem pelo fundo. Manuel, só:*) Cá no Brasil é como na minha terra; também se festeja a noite de S. João. Quem me dera no Tojal! Há dois anos que aqui estou trabalhando para ganhar dinheiro e para lá voltar. Oh, quem pudera viver sem trabalhar! Cresce-me água à boca, quando vejo um rico. São os felizes, que cá o homem anda de canga ao pescoço.

### CENA VI

Entra Maria com uma cesta à cabeça.

**MANUEL** – O que levas aí, Maria?

**MARIA** – A roupa que estava no campo a secar.

**MANUEL** – Pois ainda agora? Vem cá. (*Maria deixa a cesta à porta da casinha e caminha para Manuel.*)

**MARIA** – A senhora tomou-me o tempo e não deixou-me recolhê-la com dia. Andamos a arranjar a casa para a companhia.

**MANUEL** – E ela é que diverte com os seus, e nós trabalhamos.

**MARIA** – O que queres, Manuel? Somos pobres, que Deus assim nos fez.

**MANUEL** – E é do que me queixo. Todo o dia com a enxada na mão, e ainda em cima ter olhos nos paizinhos, que são peores que o diabo.

**MARIA** – Anda lá, não te queixes tanto, que lá no Tojal éramos mais desgraçados. Não sei como não morríamos de fome. Ganhavas seis vinténs por dia ao rabo da enxada, e cá o senhor te estima; pagou a nossa passagem.

**MANUEL** – Quisesse Deus que eu tivesse algum dinheirinho junto! Pagaria ao senhor o resto que lhe devo e ia comprar um burro e uma carroça para vender a *iágua*. O Zé voltou para S. Miguel com cinco mil cruzados que assim ganhou.

**MARIA** – Se puderas fazer isso, eu ficava com a senhora. Este vestido deu-me ela, e este xale também, e outros me dará ainda.

**MANUEL** – Pois se eu sair, sairás também, senão te desanco.

**MARIA** – Ai!

**MANUEL** – Pensas que eu não sei porque queres ficar?

**MARIA** – Ai, que me impacientas!

**MANUEL** – Bem vejo o senhor a te fazer roda como um peru.

**MARIA** – Esta besta! O senhor a fazer-me roda, tão velho como é? Ai, que me rio desta!

**MANUEL** – Vai-te rindo, bestinha, até que chores.

**CLARA, da porta da casa** – Maria?

**MARIA** – Adeus, que a senhora chama-me. Esta besta!

**MANUEL** – Anda com cuidado, que te tenho o olho em riba.

**MARIA** – Olha que cansarás a vista, animal.

#### CENA VII

**MANUEL, só** – Assim vive um homem de Deus a lavrar a terra e a vigiar a mulher. Forte ocupação, que o diabo leve! (*Para os negros:*) Anda paizinhos, acabem essa fogueira e vão arrumar o capim na carroça para ir para cidade. (*Os dois negros saem.*) Se o senhor continua a fazer festas a Maria, hei-de dizer à senhora, que não é para brincos. (*Sai. Logo que Manuel sai, chega do fundo João.*)

#### CENA VIII

**JOÃO, só** – Agora que lá dentro estão todos entretidos, é boa ocasião de cercar minha bela ilhoazinha para dar-lhe um abraçozinho. Aonde estará ela? (*Chamando com cautela:*) Maria, Maria? Tenho medo que minha mulher veja-me aqui. É velha, mais tem ciúmes como um mouro. Quem manda ser velha? Estará no quarto? (*Vai espiar na casinha.*) Maria? Nada. Lá dentro ainda dançam; estão divertidos e não darão por minha falta. Vou esconder-me no seu quarto e lá esperarei para surpreendê-la. Oh, que surpresa! Só assim, porque ela é arisca como o diabo. Dou-lhe um abraçozinho e depois safo-me na pontinha dos pés. Oh, que surpresa! Que contentamento! (*Esfrega as mãos. Júlio, que a este tempo entra vindo do fundo, chama por ele; João, que está quase junto à porta, volta-se zangado.*)

#### CENA IX

Júlio e João.

**JÚLIO** – Sr. João Félix?

**JOÃO, voltando-se** – Quem é?

**JÚLIO** – Se quisesse ter a bondade de ouvir-me por alguns instantes com atenção...

**JOÃO, impaciente** – O que tens agora a dizer-me, homem? Vá dançar.

**JÚLIO** – Pensamentos muito sérios ocupam-se neste momento para eu poder dançar.

**JOÃO** – Então o que é?

**JÚLIO** – Desculpe a minha franqueza...

**JOÃO** – Avie-se, que tenho pressa.

**JÚLIO** – Eu amo sua filha.

**JOÃO** – E que tenho eu com isso?

**JÚLIO** – Mas é que eu a amo com adoração, como nunca se amou, e pretendia...

**JOÃO** – Vá dizer a ela que eu lhe ordeno que dance com o senhor uma contradança; ande, vá, vá!  
(Empurrando-o)

**JÚLIO** – Não é por tão pequeno favor que eu ousou encomodá-lo.

**JOÃO**, à parte – Que impertinência! E eu a perder tempo e ocasião.

**JÚLIO** – Terei ânimo em falar, visto que o senhor não reprovou o meu amor.

**JOÃO** – Bem vejo que tens ânimo, mas pressa decerto que não tens. Pois é o que eu tenho.

**JÚLIO** – Serei breve. Concede-me a mão de sua filha?

**JOÃO** – Se é para dançar, já lhe dei.

**JÚLIO** – Não senhor, é para casar.

**JOÃO** – Para casar? Sempre pensei que o senhor tivesse mais juízo. Pois de noute, no meio do campo e a estas horas é que o senhor vem pedir minha filha, obrigando-me a estar aqui a cabeça ao sereno? Já eu estou constipado. (Amarra um lenço na cabeça.)

**JÚLIO** – Só motivos imperiosos me obrigariam a dar este passo tão precipitado.

**JOÃO** – Precipitado ou não precipitado, não lhe dou minha filha! (Durante a continuação desta cena João passeia pela cena, dando voltas de um para outro lado; passa por trás da carroça, vai até o fundo, volta, etc., e Júlio o segue sempre falando.)

**JÚLIO** – Mas senhor, Vossa Senhoria não tem razão em responder-me deste modo. Eu decerto teria escolhido melhor ocasião; há porém acontecimentos que nos levam, mau grado nosso, a dar um passo que à primeira vista parece loucura. A causa deve ser indagada. E isto é o que Vossa Senhoria deveria fazer. Não se trata de um negócio de pouca monta. A minha proposição não deve ser assim recebida. Sei que a sua filha é um partido vantajoso ainda mesmo para um homem ambicioso, mas em mim não se dá essa idéia. Procuro os dotes morais de que é ornada, as virtudes que a fazem tão amável e encantadora. Conheço-a de perto, tenho tido a honra de freqüentar sua casa. Rogo a Vossa Senhoria que me dê um momento de atenção. Esse exercício violento pode-lhe fazer mal... Minha família é muito conhecida nesta cidade; não é rica, é verdade, mas nem sempre a riqueza constitui felicidade. Meu pai foi desembargador, e minha aliança com a filha de Vossa Senhoria não pode envergonhar. Sou negociante, ainda que principiante; posso ainda fazer grande fortuna e ousou dizer que a Sra. D. Clementina não me vê com indiferença...

**JOÃO**, voltando-se muito zangado para Júlio – Não lhe dou minha filha, não lhe dou, não lhe dou! E tenho dito.

**JÚLIO** – Atenda-me!

**JOÃO** – Aonde viu o senhor dar-se caça a um pai de semelhante maneira?

**JÚLIO** – Desculpe-me, é o meu amor a causa de...

**JOÃO** – Homem, não me quebre mais a cabeça! Não quero, não quero e não quero, e vá-se com os diabos! Não só de minha presença, como de minha casa. Vá-se, vá-se! (Empurrando.)

**JÚLIO**, com altivez – Basta, senhor! Até agora recebia uma denegação e com paciência a sofri; mas agora é um insulto!

**JOÃO** – Seja lá o que quiser.

**JÚLIO** – E eu não me demorarei um só instante em sua casa.

**JOÃO** – Faz-me muito favor. (Júlio sai arrebatado.)

## CENA X

João, só, (e depois Luís.)

**JOÃO** – E que tal lhe parece a impertinência? Irra! Casar-se com minha filha! Um pobre diabo que só vive do seu insignificante ordenado. Agora, ainda que fosse rico, e muito rico, não lha dava. (João vai a entrar no quarto e aparece Luís no fundo, gritando.)

**LUÍS** – Tio João? Tio João?

**JOÃO** – Outro!

**LUÍS**, junto dele – Quero pedir-lhe um grande favor. Trata-se de minha prima.

**JOÃO**, à parte – Mas tu também? (Procura no chão uma pedra.)

**LUÍS** – Tenho hoje reparado com mais atenção na sua beleza e sabidas qualidades.

**JOÃO** – Não acho eu uma pedra?

**LUÍS** – Que procura, tio João? Não sei por que fatalidade tenho eu estado cego a tantas perfeições. *(João pega no copo que vê sobre o banco de relva.)*

**JOÃO** – Se me dás mais uma palavra, arrumo-te com este copo pelas ventas.

**LUÍS** – Olhe que tem um ovo dentro!

**JOÃO** – Tenha o diabo! Salta, não me esquentes as orelhas!

**LUÍS** – Não o contrariemos, que ele tem veneta e me perderei. Está bem, tio. Até logo. *(Sai.)*

## CENA XI

João e depois Manuel.

**JOÃO**, só – Ainda virá mais algum? *(João vai a entrar no quarto do ilhéu e este aparece do outro lado da cena. João, à parte:)* Oh, diabo! *(Disfarça o seu intento, fingindo perseguir na parede da casinha um inseto que lhe escapa.)*

**MANUEL**, à parte – Ai, o que está o senhor a fazer? *(João continua no mesmo jogo.)* A saltar? *(Aproxima-se dele, que faz que o não vê.)* Ah, senhor? *(João no mesmo jogo.)* Senhor? *(Pegando-lhe pelo braço:)* O que apanha o senhor?

**JOÃO**, voltando – Quem é? Ah, é você, Sr. Manuel? Homem, estava atrás de uma lagartixa que subiu pela parede.

**MANUEL** – Ai, senhor, deixe viver o bichinho de Deus.

**JOÃO** – O que quer comigo?

**MANUEL** – Tinha um favor que pedir ao senhor, mas envergonho-me.

**JOÃO** – Pois um homem deste tamanho tem vergonha? Anda, diga o que quer, e depressa, que aqui está muito sereno.

**MANUEL** – Queria que o senhor me perdoasse os dois meses que faltam para acabar meu trato.

**JOÃO** – Nada, nada, não pode ser. Dei duzentos mil-réis pela sua passagem e pela de sua mulher, para que me pagassem com os seus trabalhos. Calculo-os a vinte mil-réis por mês. Já lá se vão oito; falta ainda dois para ficarmos justos de conta. Não dispenso.

**MANUEL** – Mas senhor...

**JOÃO** – Quando acabar-se o tempo do seu trato, faremos novo ajuste. Não terei dúvida de dar-lhe mais alguma coisa. *(À parte:)* A minha ilhoazinha não sai daqui.

**MANUEL** – Tenho trabalhado muito, e já o senhor devia estar contente comigo, e não olhar a tão pouca coisa.

**JOÃO** – Fale-me amanhã; agora não são horas. Vá arrumar capim na carroça que vai de madrugada para a cidade.

**MANUEL** – E se o meu trabalho...

**JOÃO**, empurrando-o – Já lhe disse que amanhã... *(Manuel sai. João, só:)* Daqui não me sai ele. Virá ainda alguém? *(Vai para entrar no quarto e chegam do fundo, correndo, quatro meninos com pistola e bicha na mão e chegam até à frente do tablado.)*

**MENINO** – Vamos fazer uma fortaleza aqui. *(Assenta-se no chão.)* Juquinha, você faz outra lá. *(Assentam-se todos.)* Enterra as pistolas e as bichas. Eu sou o navio. Hei-de fazer fogo, e você também ajunta a areia... Anda, vem-me ajudar. *(João, ao ver os meninos que chegam, quebra uma varinha de arbusto próximo, sai de trás da casinha e caminha para eles. Ao chegar junto, açoita-os com a vara. Os pequenos levantam-se, assustados e correm para dentro, gritando e chorando.)*

**JOÃO**, gritando – Salta para dentro! *(Voltando:)* Até estes demoninhos vieram atrapalhar-me! Não me fio em crianças. É isto! Convida-se a certas senhoras para passarem a noite em uma casa e levam quantos filhos têm, desde o mais pequeno até o maior, para estratagemas, quebrarem e pedincharem tudo quanto vêem e tocam. E importunar a todos os convidados! Deixar-me-ão desta vez entrar? *(Vai para a casinha, entra e fecha a porta. Manuel, que nesse mesmo tempo aparece, o vê entrar no seu quarto.)*

**MANUEL** – Entra no nosso quarto? Ai, o que me vale é estar a Maria lá dentro. Ele vai espera-la... Ai! Pois são estas as lagartixas? Lagartixas! *(Pega no cesto que está à porta do quarto e com ele atravessa de novo a*



*cena, sempre correndo e sai pela direita. Assim que o ilhéu sai de cena, João abre a janela do quarto que dá para a cena e espreita por ela.)*

**JOÃO**, à janela – Queria Deus que a minha ilhoazinha não tarde. O meu coraçãozinho está pulando de contente! Mas aonde estará ela?

**CLARA**, do fundo – Ah, Sr. João? Sr. João? (*Chamando.*)

**JOÃO** – Oh diabo, lá está a carocha da minha mulher chamando-me. Se ela souber que estou aqui, mata-me. Ora, que culpa tenho? Calou-se. (*Debruça-se na janela, espreitando.*) Como tarda!...

## CENA XII

Júlio de capote e boné, João e depois Clara.

**JÚLIO** – Devo ausentar-me desta casa onde fui insultado e para nunca mais voltar... Mas deixá-la? E o posso eu? Não, é preciso; nem mais um instante! E não posso desprender-me daqui! Fatal amor! Ela fica no meio dos prazeres, e eu... (*João chega à janela, observa Júlio, fazendo esforços para reconhecê-lo.*)

**JOÃO** – Vejo um vulto. Não posso conhecer quem é. Deixei os meus óculos lá dentro. Parece-me que está de saia e lenço à cabeça... Saia escura! É ela, não tem dúvida; é a minha ilhoazinha. Psiu, psiu! (*Chamando com precaução.*)

**JÚLIO**, surpreendido – Quem me chama?

**JOÃO** – Psiu, psiu, vem cá!

**JÚLIO** – É dali da janela. (*Vai-se chegando para a janela. Nesse momento acende-se defronte da porta da casa, no fundo, uma composição mítica de fogo colorido que alumie fortemente a cena. Ao clarão do fogo os dois se reconhecem.*)

**JOÃO**, recuando para dentro – Ai!

**JÚLIO** – O Sr. João! (*Chegando-se para a janela.*) Que faz Vossa Senhoria no quarto da ilhoa?

**JOÃO**, um pouco de dentro – Nada, nada. Vim ver uns pintinhos que estavam no choco?

**JÚLIO** – Pintos no choco?

**JOÃO** – Sim, sim, pois nunca viu?

**JÚLIO** – Mas Vossa Senhoria... (*Desata a rir e caminha um pouco para a frente da cena, rindo-se sempre.*)

**JOÃO**, chegando à janela – Psiu, psiu! Venha cá; não ria-se tão alto!

**JÚLIO**, rindo-se – Qual pintos! É pela ilhoa.

**JOÃO** – Cale-se, pelo amor de Deus! Venha cá, venha cá.

**JÚLIO** – Enganou-se com o meu capote! (*Ri-se.*)

**JOÃO** – Ó homem, venha cá! Olhe que minha mulher pode vir.

**JÚLIO**, chegando – Pois Vossa Senhoria tem medo que a Sra. D. Clara o ache tirando pinto do choco?

**JOÃO** – Deixemos de graça e fale baixo.

**JÚLIO** – Então é certo, a ilhoa? Ah, ah, ah! Vou contar isto lá dentro. (*À parte.*) Tu me pagarás.

**JOÃO** – Oh, não, meu amiguinho; minha mulher, se sabe que eu estou aqui, é capaz de arrancar-me os olhos.

**JÚLIO** – Há pouco era eu que rogava e Vossa Senhoria dizia não. Agora é Vossa Senhoria que roga, e eu também digo não. (*João debruça pela janela e consegue agarrar em Júlio.*)

**JOÃO** – Escute. Não tome a coisa tão em grosso; não o quis ofender.

**JÚLIO** – Correr-me de sua casa!

**JOÃO** – Não há tal.

**JÚLIO** – Negar-me com insultos a mão de sua filha!

**JOÃO** – Não neguei.

**JÚLIO** – Não negou?

**JOÃO**, à parte – Diabo!

**JÚLIO** – Não negou, diz o senhor. Então concede-me?

**JOÃO** – Não digo isso. Mas se...

**JÚLIO** – Ah! Sr.a D. Clara, Sra. D. Clara?

**JOÃO**, querendo tapar-lhe a boca – Pelo amor de Deus!

**JÚLIO** – Vossa Senhoria não negou-me a mão de sua filha?

**JOÃO** – Seja razoável.

**JÚLIO** – Sra. D. Clara?

**JOÃO** – Cale-se, homem. Cale-se com todos os milhões de diabos!

**JÚLIO** – Nada. Quero que ela aqui venha para ver se pode explicar-me a razão por que Vossa Senhoria nega-me a mão de sua filha. Sra. D. Clara?

**JOÃO** – E eu já lhe disse que lhe negava?

**JÚLIO** – Não? Então conceda-me?

**JOÃO** – Amanhã falaremos.

**CLARA**, *no fundo* – Ah, sô João, sô João?

**JÚLIO** – Sua senhora aí vem.

**JOÃO** – Vá-se embora. (*Abaixa e esconde-se.*)

**JÚLIO**, *para dentro do quarto* – Conceda-me?

**JOÃO**, *dentro* – Concedo.

**JÚLIO** – Palavra de honra?

**JOÃO**, *dentro* – Palavra de honra. (*Neste tempo Clara está no meio da cena.*)

**CLARA** – Sô João? (*Júlio quer caminhar para sair pelo fundo.*) Quem é?

**JÚLIO** – Sou eu, minha senhora.

**CLARA** – Ah, é o Sr. Júlio. Sabe-me dizer onde está o meu homem?

**JÚLIO** – Não, minha senhora.

**CLARA** – E esta? Há uma hora que sumiu-se lá de dentro e não aparece. (*Durante este diálogo, vê-se, pela janela da casinha, João muito aflito.*)

**JÚLIO** – Sem dúvida está dando algumas ordens lá por fora.

**CLARA** – Ordens a estas horas? Deixar as visitas na sala, e desaparecer!

**JÚLIO** – Não se inquiete, minha senhora.

**CLARA** – Tenho muita razão de me inquietar. Velho como é, não pára. Ah, Sr. João? Sô João?

**JÚLIO**, *à parte* – Em que talas não se vê ele! Está em meu poder. (*Júlio diz estas palavras enquanto Clara chama pelo marido; volta para sair pelo fundo, e em meio da cena encontra-se com Luís. Júlio, para Luís:*) Ainda teima?

**LUÍS** – Ainda.

**JÚLIO** – Veremos.

**LUÍS** – Veremos. (*Júlio sai pelo fundo.*)

### CENA XIII

Luís e Clara.

**LUÍS** – Ó tiazinha!

**CLARA** – Quem é?

**LUÍS** – Tiazinha, tenho um favor que pedir-lhe...

**CLARA** – Viste teu tio?

**LUÍS** – Não senhora. É um favor pelo qual lhe ficarei eternamente agradecido. Sei que a ocasião não é das mais oportunas. Este passo parece imprudente...

**CLARA** – Que parece não; que é.

**LUÍS** – Por quê, tia?

**CLARA** – É falta de atenção.

**LUÍS** – Oh, a tia decerto está zombando. Se ainda não sabe...

**CLARA** – Sei, sei que ele está metido por aí, em algum lugar suspeito.

**LUÍS** – Como suspeito? De quem fala?

**CLARA** – De teu tio.

**LUÍS** – Ora, não é dele que eu falo.

**CLARA** – Pois então vai-te embora.

**LUÍS** – Escute, tia. A minha bela priminha...

**CLARA** – Aonde estará?

**LUÍS** – Lá dentro na alcova.

**CLARA** – Lá dentro na alcova? E o que está fazendo?

**LUÍS** – Conversando com suas amigas.

**CLARA** – Com suas amigas? Pois também tem amigas? Bravo!

**LUÍS** – Oh, que linguagem é esta! Pois não foi a tia quem as convidou?

**CLARA** – Fui sim, mas não sabia que as convidava para desinquietarem um homem casado.

**LUÍS** – Um homem casado?

**CLARA** – Um pai de família que se devia fazer respeitar pela sua idade.

**LUÍS** – Ai, que eu continuo a falar da prima, e ela do tio.

**CLARA** – Vou botá-los pela porta a fora.

**LUÍS** – Espere, tia, há engano entre nós. A tia fala do tio, e eu...

**CLARA** – E tenho muita razão de falar.

**LUÍS** – Não digo menos disso. O que eu pretendia dizer-lhe era...

**CLARA** – Já sei o que é. Quer desculpá-lo! Não vê que também é homem? Lá se entendem.

**LUÍS** – Continuamos no mesmo. Tia, atenda-me somente por alguns instantes, e depois eu lhe ajudarei a procurar o tio.

**CLARA** – Pois fala depressa.

**LUÍS** – Todos conhecem-me por namorado. Uns dizem que isto em mim é sistema, outros, que é devido ao meu gênio folgazão e alegre. Seja o que for, estou resolvido a acabar com todos esses namoros e casar-me. A resolução é extrema e de botar a perder um homem, mas a sorte está lançada.

**CLARA, preocupada** – Eu hei-de indagar isto.

**LUÍS** – Pode indagar. Falo de boa fé. E em quem poderia recair a minha escolha, senão na minha bela priminha?

**CLARA** – Não posso consentir.

**LUÍS** – Não? E por que motivo?

**CLARA** – Na sua idade?

**LUÍS** – Perdoe-me a tia; está em muito boa idade.

**CLARA** – Boa idade! Sessenta e cinco anos!

**LUÍS** – Adeus, tia, que não estou mais para jogar os disparates. *(Vai para esquerda da cena e Clara vai para sair pelo fundo.)*

**CLARA, caminhando** – Ah, Sr. João? Sr. João? Eu hei-de dar com ele! *(Vai-se pelo fundo.)*

#### CENA XIV

Luís só.

**LUÍS** – Quando os ciúmes metem-se na cabeça de uma mulher é isto. E se é velha como esta... Mau agouro para mim. Ora, Sr. Luís, é então verdade que o senhor está resolvido a casar-se? Já se não lembra do que dizia do casamento e dos grandes inconvenientes que lhe achava? Quer deixar a sua bela vida de namorado? O que é isto? Que resolução foi a sua? Que dirá a Ritinha, a Joantina, a viuvinha, a Joaquininha, a Emília, a Henriqueta, a Cocota, a Quitinha, a Lulu, a Leopoldina, a Deolinda e as outras namoradas? Responde, Sr. Luís. Os diabos me levem se eu sei responder. *(Assenta-se no banco de relva. Ouve-se dentro de casa a voz de Júlio, que canta uma modinha, acompanhado por piano. [N.B.:] A modinha fica a escolha do autor. Logo que a tiver acabado de cantar, dão palmas. Tudo isto, porém, não interromperá a continuação das cenas.)* Lá está cantando modinhas! Se estivesse como eu, não havia de ter vontade de cantar. Então? O caso não me tem feito impressão. *(Aqui aparece no fundo, caminhando para a frente da cena, Clementina.)* Ainda não sei o que farei. Creio que mesmo depois dos pregões corridos sou capaz de mandar tudo à tabua. Mas o meu capricho? Estou arranjado!

#### CENA XV

Clementina e Luís.

**CLEMENTINA, sem ver Luís** – Estou com curiosidade de ver como estará o ovo... *(Vai para ver o copo e Luís levanta-se.)*

**LUÍS** – Priminha?

**CLEMENTINA** – Ai!

**LUÍS** – Não se assuste.

**CLEMENTINA** – Não gosto destes brinquedos. Que susto! Eu vinha ver o ovo.

**LUÍS** – Encontraste com um amante; é o mesmo. O amante é como o ovo, que muitas vezes gora.

**CLEMENTINA** – Fala de si? (*Rindo-se.*)

**LUÍS** – Antigamente assim fui, mas agora, priminha da minha alma, estou mudado. A noite de S. João fez um milagre. Ai, ai! (*Suspira ruidosamente.*)

**CLEMENTINA** – Bravo! Por quem é esse suspiro tão puxado?

**LUÍS**, *caindo de joelhos* – Por ti, minha priminha.

**CLEMENTINA**, *desata a rir* – Ah, ah! Por mim? Ó Ritinha?

**LUÍS** – Cala-te!

**CLEMENTINA** – Quero que ela venha ver isto e que caminho leva o seu amor.

**LUÍS** – Ms há já três meses que ela me ama!

**CLEMENTINA** – Boa razão! Não a ama porque ela ainda o ama. É isto?

**LUÍS** – Pois priminha, há três meses que ela me ama, e isto já é teima, e eu não me caso com mulher teimosa, isso nem pelo diabo.

**CLEMENTINA** – É teima? Quem te ensinará!

**LUÍS** – Amei-a como amei a Quitinha, etc.

**CLEMENTINA** – O que aí vai! E todas essas foram teimosas?

**LUÍS** – Umas mais, outras menos, mas tu, minha querida priminha...

**CLEMENTINA** – Oh, não se canse, que não sou teimosa; cedo desde já.

**LUÍS** – Contigo o caso é outro; hoje mesmo te principiei a amar, hoje mesmo nos casaremos e hoje mesmo...

**CLEMENTINA**, *interrompendo-o* – Ah, ah, ah! Ó Ritinha? Ritinha? (*Ritinha aparece e encaminha-se para eles. Traz na mão uma vara com uma rodinha acesa. Os negros acendem a fogueira.*)

**LUÍS** – Também isto agora é teima!

**CLEMENTINA** – Vem cá.

**RITINHA** – O que é?

**CLEMENTINA** – Não te dizia que me admirava dos três meses?

**RITINHA** – Ah!

**CLEMENTINA** – Já te não ama, e chama-te de teimosa.

**LUÍS** – Priminha!

**RITINHA** – Já me não ama? (*Ritinha diz estas palavras dirigindo-se para Luís, que salta para evitar o fogo da rodinha que Ritinha dirige contra ele.*)

**LUÍS**, *saltando* – Cuidado com o fogo!

**CLEMENTINA** – Fazia-me protestos de amor.

**RITINHA**, *mesmo jogo* – Ah, fazia protestos de amor?

**LUÍS** – Não me queime! (*O velho fecha a janela com receio, que o vejam.*)

**CLEMENTINA** – Disse que ardia por mim.

**LUÍS**, *fugindo de Ritinha, que o persegue com a rodinha* – Agora é que eu arderei, se me deitam fogo.

**RITINHA**, *mesmo jogo* – Assim é que me pagas!

**LUÍS** – Assim é que me pagas! (*Fugindo sempre.*)

**CLEMENTINA** – Fogo nele, para não ser bandoleiro! (*Ritinha segue mais de perto Luís, que foge e refugia-se em cima da carroça.*) Assim, assim, Ritinha, ensina-o.

**RITINHA** – Desce cá para baixo!

**LUÍS** – Assim era eu asno!

**CLEMENTINA** – Ritinha, vá buscar lá dentro duas pistolas de lágrimas.

**LUÍS** – Nem pistola, nem espingarda, nem peças não me farão gostar de vocês. Agora não me caso nem à bala.

**CLEMENTINA** – E também, quem é que quer casar com você?

**RITINHA** – Eu não!

**CLEMENTINA** – Quem é que acredita nas palavras de um namora-paredes?

**LUÍS** – Muita gente!

**CLEMENTINA** – Estás desacreditado!

**LUÍS** – Na praça?

**CLEMENTINA** – Não, com todas as moças.

**LUÍS** – Melhor, mais gostarão de mim.

**RITINHA** – Isto não se pode aturar! Vamo-nos embora.

**CLEMENTINA** – Presunçoso! (*Vai a sair pelo fundo.*)

**LUÍS** – Adeus! Viva S. João! (*Dentro respondem a gritos.*)

## CENA XVI

Luís, só, de cima da carroça.

**LUÍS** – Fi-la bonita! Agora nem uma nem outra. Ainda bem! Mas o diabo é ficar o maroto do Júlio muito ufano com eu ter cedido. Histórias! Não cedo em outras coisas, que namorada pouco se me dá; acho cem por uma que deixo. Contudo estou zangado. Maldita noite de S. João!

## CENA XVII

Maria vem do fundo da cena e vai a entrar na casinha.

**LUÍS**, *saltando da carroça* – Psiu, psiu!

**MARIA**, *parando* – Quem é?

**LUÍS**, *chegando-se para ela* – Escuta uma coisa.

**MARIA** – Ai! O senhor que quer comigo?

**LUÍS** – Desde o dia que principiaram a chegar a esta terra carregamentos de colonos, como antigamente chegavam carregamentos de cebolas, ainda cá não apareceu uma ilhoazinha com esses olhos matadores, com esses beicinhos rosados.

**MARIA** – Ai, o senhor está a mangar comigo.

**LUÍS** – As mais que eu por aí vejo são feias como uma lacraia e vermelhas como a crista do galo; mas tu és a nata das ilhoas. (*Quer abraçá-la.*)

**MARIA** – Chegue-se para lá, que vou contar a meu marido. (*Quer sair, Luís a retém.*)

**LUÍS** – Espera. É pena que estejas casada com teu marido.

**MARIA** – Ai, pois eu podia estar casada com um homem que não fosse meu marido?

**LUÍS** – Pois não.

**MARIA** – Está zombando? (*Neste tempo a fogueira está de todo acesa e todas as pessoas que estão na casa saem e ficam ao redor da fogueira, ad libitum.*)

**LUÍS** – Sentemo-nos neste banco, que te explicarei como pode isto ser. Aqui nos podem ver lá de cima com o clarão da fogueira.

**MARIA** – Estou com curiosidade.

**LUÍS**, *à parte* – Isto sei eu. (*Assentam-se no banco.*) Supõe que nunca tenhas visto teu marido... Que mãozinhas! (*Pega-lhes nas mãos.*)

**MARIA** – Largue minha mão!

**LUÍS** – Nem encontrado com ele... Que olhinhos!

**MARIA** – Deixe meus olhos!

**LUÍS** – Ora, se nunca o tivesse visto nem encontrado, está claro que agora não estarias casada com o teu marido.

**MARIA** – Ora vejam! E é verdade!

**LUÍS** – Não terias dado essa mão, (*pega-lhe na mão*) que tanto estimo... (*Aqui atravessa a cena Manuel, vestido de mulher, e entra no seu quarto.*)

**MANUEL**, *atravessando a cena* – Custou-me o arranjar-me...

**MARIA** – O senhor tem um modo de explicar as coisas que entram pelos olhos... De sorte que se eu não tivesse encontrado a Manuel, não estava hoje casada?

**LUÍS** – Decerto.

**MARIA** – Sabe o senhor quando eu o vi? Foi numa festa que se deu no Funchal. *(Manuel, depois de entrar no quarto, fecha a porta e fica dentro do quarto, defronte da janela. Chega-se para ele, como vindo do interior, João, que supondo ser a Maria, o abraça.)*

**JOÃO** – Minha ilhoazinha, minha Mariquinha! *(Dá abraços e beijos, que Manuel corresponde.)*

**MARIA** – Hem?

**LUÍS** – Não disse nada. Continua. *(Continua a ter a mão dela na sua.)*

**MARIA** – Eu ia para a festa. Ai, agora é que me lembro que se não fosse a festa também não estava casada!

**LUÍS**, *dando-lhe um abraço* – Maldita festa!

**MARIA** – Fique quieto! Veja o diabo as arma.

**LUÍS** – É verdade! *(Manuel e João, que ouvem as vozes dos dois, chegam-se para a janela, e dando com os dois no banco abaixo, ficam observando, dando sinais de grande surpresa.)*

**MARIA** – Estive quase não indo à festa, e se não fosse o meu vestido novo... Ai, senhor, e se não fosse o vestido novo, eu também não estava casada.

**LUÍS**, *abraçando* – Maldito vestido!

**MARIA** – Foi minha tia que mo deu. Ai, que se eu também não tivesse tia, não era agora mulher de meu marido. *(Manuel debruça-se pela janela e a agarra no pescoço.)*

**MANUEL** – Maldita mulher! *(Maria dá um grito e levanta-se; o mesmo faz Luís. Maria, conhecendo o marido, deita a correr, atravessando a cena. Manuel salta pela janela e a persegue, gritando. Saem ambos da cena.)*

**LUÍS**, *vendo Manuel saltar* – Que diabo é isto? *(Reconhecendo João, que fica à janela:)* O tio João!

**JOÃO** – Cala-te! *(Esconde-se.)*

**LUÍS**, *rindo-se* – No quarto da ilhoa! *(Acodem todos, isto é, Clara, Clementina, Ritinha, Júlio e os convidados.)*

### CENA XVIII

**CLARA** – O que é? Que gritos são estes?

**CLEMENTINA**, *ao mesmo tempo* – O que aconteceu?

**RITINHA**, *ao mesmo tempo* – O que foi? *(Luís ri-se.)*

**CLARA** – O que é isto, Luís? Fala. *(Luís continua a rir-se.)*

**CLEMENTINA** – De que se ri tanto o primo?

**CLARA** – Não falarás?

**LUÍS** – Quer que eu fale? Ah, ah, ah!

**CLARA** – E esta?

**CLEMENTINA** – Eu ouvi a voz da Maria.

### CENA XIX

Entra Maria adiante de Manuel, gemendo. Manuel conserva-se vestido de mulher.

**RITINHA** – Aí vem ela.

**CLARA** – A gemer. Que foi?

**MANUEL**, *que traz um pau na mão* – Anda! *(Maria vem gemendo, assenta-se no banco debaixo da janela.)*

**CLARA** – Ai, o Manuel vestido de mulher! Que mascarada é esta?

**CLEMENTINA** – Como está feio!

**CLARA** – Mas que é isto? Por que gemes?

**MARIA** – Ai, ai, ai! Minhas costas...

**MANUEL** – É uma vergonha!

**CLARA**, *para Manuel* – O que fez ela?

**MARIA**, *gemendo* – Minha costela... minha cabeça...

**MANUEL** – O que fez? Um desaforo! Mas eu lhe ensinei com este pau.

**CLARA** – Deste-lhe com o pau?

**CLEMENTINA** – Pobre Maria!

**MARIA** – Ai, ai, ai! Minhas pernas...

**CLARA**, *para Manuel* – Mas por quê?

**MANUEL** – Estava a desencaminhar-se com o Sr. Luís.

**CLARA** – Com meu sobrinho?

**CLEMENTINA**, *ao mesmo tempo* – Com o primo?

**RITINHA**, *ao mesmo tempo* – Com ele?

**JÚLIO**, *ao mesmo tempo* – É bom saber!

**LUÍS** – Não há tal, tia. Este diabo está bêbado! Não vê como está vestido?

**MANUEL** – Olhe, senhora, que não estou bêbado. Eu bem vi, com estes olhos que a terra há-de comer, o senhor dar abraços na Maria.

**CLARA** – Ai, que indecência!

**CLEMENTINA** – Que vergonha! Namorando uma ilhoa!

**RITINHA** – Que humilhação!

**JÚLIO** – De que se admiram, minhas senhoras? É esse o costume do Sr. Luís. Tudo lhe faz conta – a velha, a moça, a bonita, a feia, a branca, a cabocla...

**CLEMENTINA** – Que horror!

**RITINHA**, *ao mesmo tempo* – Que horror! (*Alguns convidados riem-se.*)

**LUÍS** – Psiu! Alto lá, Sr. Júlio, cá ninguém o chamou!

**JÚLIO** – E o melhor é, minhas senhoras, que ele nutre grandes esperanças de casar-se com uma das senhoras desta roda.

**TODAS AS SENHORAS** – Comigo não!

**LUÍS**, *chegando-se para Júlio* – Já estás cantando vitória?

**JÚLIO**, *para as senhoras* – Vejam o que faz a presunção!

**LUÍS** – Ainda é cedo, meu menino! Pensa que eu cedo com essa facilidade? (*Aqui João sai do quarto do ilhéu, pé ante pé, para não ser visto, e encaminha-se para o fundo.*)

**JÚLIO** – Cederás, que te digo eu!

**LUÍS** – Deverás? (*Zombando. Volta para trás e vê João, que se retira para o fundo.*) Ó tio João? Tio João? Venha cá! (*Vai buscá-lo e trá-lo para frente.*)

**CLARA** – Ai, onde estava este homem metido?

**CLEMENTINA** – O que quererá ele fazer?

**JÚLIO** – O que pretenderá?

**LUÍS** – Tio?

**CLARA**, *interrompendo e puxando João pelo braço* – Aonde estavas?

**LUÍS**, *puxando-o pelo braço* – Espere, tio, deixe que eu...

**CLARA**, *mesmo jogo* – Quero que me diga o que fez estas duas horas.

**LUÍS**, *mesmo jogo* – Logo perguntará por isso, que agora tenho eu que lhe falar.

**CLARA**, *mesmo jogo* – Nada; primeiro há-de me dizer onde esteve escondido. Isto se faz? Eu a procurá-lo...

**LUÍS**, *mesmo jogo* – Dê-me atenção!

**CLARA**, *mesmo jogo* – Responda!

**LUÍS**, *mesmo jogo* – Deixe-o!

**CLARA**, *mesmo jogo* – Deixa-o tu também!

**LUÍS**, *metendo-se entre Clara e João* – Ora tia, que impertinência é essa? Tem tempo de fazer-lhe perguntas e ralhar como quiser. (*Enquanto Luís fala com Clara, Júlio segura João pelo braço.*)

**JÚLIO** – Lembre-se da sua promessa!

**LUÍS**, *puxando João pelo braço e falando-lhe à parte* – Eu bem vi aonde estava... No quarto da ilhoa.

**JÚLIO**, *mesmo jogo* – Espero que não falte; quando não, digo tudo à Senhora D. Clara.

**LUÍS**, *mesmo jogo* – Se não consentir no que eu lhe quero pedir, descubro tudo à tia.

**CLARA** – O que quer isto dizer?

**JÚLIO**, *mesmo jogo, mas falando alto* – Dá-me a sua filha por esposa?

**LUÍS**, *mesmo jogo* – Concede-me a mão da prima?

**JÚLIO**, *mesmo jogo, à parte* – Olhe que eu falo...

**LUÍS**, *mesmo jogo* – Se ma não der, conto tudo...

**JÚLIO**, *mesmo jogo, alto* – Então?

**LUÍS**, *mesmo jogo* – O que resolve?

**JÚLIO e LUÍS**, *mesmo jogo* – Sim ou não?

**JOÃO** – Casem-se ambos, e deixem-me!

**CLEMENTINA, RITINHA, JÚLIO, LUÍS** – Ambos?

**CLARA**, *puxando por João* – Que história são essas?

**MANUEL**, *mesmo jogo* – Pague-me o que deve!

**LUÍS**, *mesmo jogo* – Dê-me a prima!

**JÚLIO**, *mesmo jogo* – Assim falta à sua palavra?

**MANUEL**, *mesmo jogo* – O meu dinheiro?

**JÚLIO**, *mesmo jogo* – Falarei!

**LUÍS**, *mesmo jogo* – O que decide? *(Todos quatro rodeiam João, que assenta-se no chão e mergulha a cabeça, tapando-a com os braços.)*

**CLARA** – Não o deixo enquanto não me disser aonde esteve, o que fez. Se isto são modos!

**JÚLIO**, *ao mesmo tempo* – Vossa Senhoria prometeu-me. Se não quer que eu fale, cumpra a sua palavra.

**MANUEL**, *ao mesmo tempo* – Quero-me ir embora! Nem um instante mais aqui! Paga-me o que me deve.

**LUÍS** – Basta! Deixem-no! Levante-se, tio; aqui está a minha mão. *(João levanta-se.)* Tranqüilize-se. *(À parte, para João:)* Faça o que lhe eu mandar, que o salvarei. *(Para Júlio:)* Bem vê que eu ainda podia lutar, mas sou generoso; não quero. *(Para João:)* Tio, dê-lhe a mão da prima, *(ao ouvido:)* que nos calaremos. *(João, sem dizer palavra, vai apressado para Clementina, lava-a para junto de Júlio, a quem a entrega, e os abençoa.)*

**JÚLIO** – Ó felicidade!

**LUÍS** – Disto estou livre. *(Para João:)* Pague ao Sr. Manuel o que lhe deve. *(João mete a mão na algibeira do colete, tira um maço de bilhetes e entrega a Manuel.)*

**MANUEL** – É pouco. *(João dá-lhe mais dinheiro.)* Agora sim, vou comprar uma carroça!

**LUÍS** – Agora dê um abraço na tia. *(João vai abraçar a Clara.)*

**LUÍS** – Anda, e diga à tia que estava lá fora no portão, ajustando com o italiano das fazendas dois vestidos de crepe bordado dos quais lhe queria fazer mimo.

**CLARA** – Dous vestidos?

**LUÍS** – E riquíssimos!

**CLARA** – Ai, vidinha, e eu estava desconfiando de ti! *(Abraça-o)*

**LUÍS**, *tomando a João à parte* – Não se meta noutra. Deixe o namoro para os moços solteiros.

**JOÃO** – Estou castigado! E emendado!

**RITINHA**, *que se tem aproximado de Luís* – E nós?

**LUÍS**, *fingindo que a não ouve* – Viva S. João! Vamos ao fogo! *(Ritinha bate o pé de raiva. Acendem o fogo de artifício, e no meio de Viva S. João! e gritos de alegria desce o pano.)*